

TikTok ou tic-tac?

Cena 1. Estou paralisada diante de uma avalanche de demandas digitais: dezenas de e-mails pra responder, curtidas que não dei nas postagens da viagem da minha irmã, a atualização do APP da escola das crianças que ainda não fiz, a senha do banco digital que esqueci – ah, lembrei!, mas o site está fora do ar. Como faço o PIX agora? O WhatsApp contabiliza 187 mensagens não lidas em cinco grupos diferentes: time comercial do trabalho, primas da família Dias, novo curso sobre IA, formandos da faculdade turma de 1998, amigas VIPs da maturidade. As mensagens dos grupos que foram para a pasta de arquivados... bem, essas é melhor não contabilizar.

Cena 2. A louça do almoço acumulada em cima da pia e os uniformes das crianças embolados sobre a máquina... espera, essas não são demandas virtuais. Pratos e roupas sujas são vertiginosamente reais e eu preciso dar conta disso também.

Como não disponho de dublê nesta divina comédia da vida humana, amarro o avental e decido lavar tudo, não sem antes ligar o fone de ouvido e colocar play no link do novo podcast daquela psicanalista excelente que sigo no Spotify. Quarenta minutos de imersão freudiana enquanto termino de esvaziar o frasco de detergente. Vejam só, eu e você vivemos num mundo tagarela, ruidoso, que nunca se cala. Nossas cabeças não descansam, estão o tempo todo abrindo lugares e conversando com as gentes. Ser e estar no digital parece nos trazer o consolo de nunca estarmos sós. Diante de uma interface, comungamos com a comunidade nossas dores e nossas glórias, como se isso nos livrasse do exílio ou como se essa presença virtual fosse determinante para nossa existência no mundo. Estou no Tik Tok, logo existo. O que o querido digital quer da gente é participação: “comente, clique, curta, compartilhe, encaminhe, salve, compre, mande um direct”, dizem os gurus, mentores, coaches, influencers e autointitulados professores das redes sociais. Nunca estamos sozinhos. Estamos?

A tela capciosa feita sob medida para a palma da nossa mão atua de forma brilhante como protagonista em reuniões de negócios e na sala de nossas casas, tal qual um Flautista de Hamelin, grande mestre da sedução. Às vezes tenho vontade de esganar Steve Jobs, Mark Zuckerberg e outros gênios do Vale do Silício que criaram essas ferramentas digitais, tão fantásticas revolucionárias da comunicação quanto astutas indutoras de excessos da vida pós-moderna. Uma amiga disse outro dia que só sai da cama pela manhã depois de conferir o WhatsApp e o Insta – não necessariamente nessa mesma ordem. O celular fala alto no criado-mudo e dorme ao alcance de seus sonhos e pesadelos e, quando ela acorda, desperdiça o vigor e o frescor mental da primeira hora do dia nas redes sociais. É como vestir a melhor roupa do armário pra ir jogar o lixo.

O economista e professor Eduardo Giannetti anotou, em seu livro *Autoengano*, como são perigosas as mentiras que contamos a nós mesmos. As redes sociais nos tornaram hedonistas, adoramos o prazer, mas não somos necessariamente felizes. Valorizamos tudo que é saudável, mas padecemos de burnout. Queremos informação, mas o algoritmo repetidamente nos nutre de argumentos que apenas sustentam nossas crenças. Estamos altamente conectados e interligados, mas nunca estivemos tão sozinhos. Há nisso tudo uma dor existencial que nenhum plano de saúde cobre. Entregues ao digital, perdemos a dimensão que nos une, de fato, a outras pessoas e permite a convivência social.

E como desfrutar das maravilhas da era digital sem cair na inércia de uma vida semiacordada? Ora, não há resposta pronta ou caminho definitivo pra esse tipo de esquina. Particularmente, o que me conforta nesses dilemas horizontais é recorrer à arte. Ela nos ensina que estamos irmanados e nos traz o consolo da fraternidade. “A função da arte é superar a solidão”, escreveu Simone de Beauvoir. Ler, por exemplo, amplia nossa capacidade de abstração e percepção do mundo e transforma a solidão em solitude. Ir ao teatro é selar um pacto social entre ator e plateia. Admirar uma obra de arte é estabelecer um diálogo silencioso com o artista. Na arte, não há dúvida, nunca estamos sozinhos.

Há, sobretudo, a arte do encontro. Cozinhar com minha mãe, abraçar meu pai, tomar um vinho com o meu amor, enxugar a lágrima de uma amiga querida e morrer de rir junto com ela cinco minutos depois, pentear o cabelo da minha filhinha que está crescendo tão rápido e aprender a ler (de novo) com ela, ouvir jazz com o meu filho e levá-lo ao show do Caetano e da Bethânia porque ele me pediu... Tudo isso me comove. Estar presente é uma potência. Estar presente e por inteiro, uma bênção.

Cena 3. É madrugada, chove e estou concentrada escrevendo pra mim mesma e para meus filhos, herdeiros viscerais da tecnologia. Meus amores, espantem-se com o mundo real e não percam de vista a mania animista da infância, de ver alma em tudo. Onde estiverem, estejam de forma integral, que em latim significa por completo, sem faltar pedaço. Cada minuto passa voando. Quando a gente começa a entender os papéis da vida, o dono da festa pode chegar a qualquer momento e avisar que a balada acabou. Não adiem, portanto, a presença, o amor e a arte – mesmo que isso não renda likes.

Liz Pector